



Ministério da Educação
Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul
Campus Bento Gonçalves

FORMAÇÃO ESTÉTICA: NARRATIVAS DAS PROFESSORAS DA/NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Júlio César Fontana da Silva¹
Ana Lúcia da Conceição²

RESUMO

Este artigo propõe e discute as dimensões da formação estética na docência da Educação Infantil. A pesquisa aqui desenvolvida tem como objetivo analisar de quais modos se constitui uma formação estética na docência da/para Educação Infantil por meio da seguinte pergunta mobilizadora: como os professores e as professoras da Educação Infantil compreendem a formação e constituição de uma docência estética? A partir dos estudos de Sandra dos Santos Andrade (2012) e Carmen Lucia Vidal Pérez e Aline Cântia Côrrea (2016), a pesquisa utiliza como percurso metodológico a produção de narrativas docentes de quatro professoras da etapa da educação infantil do grupo etário de crianças bem pequenas. Nas análises do material produzido advindo desta pesquisa, uso como referencial teórico as contribuições de Luciana Ostetto (2021, 2023), Rodrigo Saballa de Carvalho (2021) e Paulo Freire e Ira Shor (1986). As referidas cartas-narrativas evocam lembranças e memórias das professoras e relações que estabelecem e percebem por meio do contato com a arte e como essas incidem no trabalho junto às crianças. O estudo apresenta como considerações a relevância da articulação da formação continuada com a formação estética docente e a proposição de tempos e espaços, para que as professoras dessa etapa possam ressignificar suas trajetórias e atribuir sentidos por meio da sensibilidade e da constituição de si mesmas.

Palavras-chave: Docência. Arte. Educação infantil. Estética. Narrativas.

1 INTRODUÇÃO: ESCRITOS INICIAIS

Desde a educação básica, a possibilidade de estar na escola sempre foi propulsora de sentimentos e experiências em minha vida. Considerando que meu percurso escolar iniciou na Educação Infantil, sempre reconheci a ludicidade, a arte e a expressão artística como movimentos que me impulsionaram para a êxtase interna.

Ao resgatar as memórias de meu tempo de criança, identifico as músicas, os filmes, as histórias, o teatro e os livros como presentes em minha personalidade como elementos de interesse, busca, pesquisa independente e deleite. Por acreditar na potência da arte e na sensibilidade, no compartilhamento das experiências

1 Júlio César Fontana da Silva, licenciando em Pedagogia pelo Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul (IFRS). E-mail: juliofontana.99@gmail.com

2 Ana Lúcia da Conceição, Professora orientadora. Docente no curso de Pedagogia do IFRS – Campus Bento Gonçalves. E-mail: ana.conceicao@bento.ifrs.edu.br

estéticas coletivas e individuais e no potencial criativo da imaginação, o estudo da estética mobilizou-me a pensar uma docência mais humanizada e sensível por meio da arte na etapa da Educação Infantil.

Nessa perspectiva de remeter à docência na infância com a relação da arte em minha própria infância, relembro com êxtase e carinho do cuidado que eu prezava pelos livros, CDs e DVDs que possuía. Os momentos em que eu vivia fora do tempo cronológico em meu quarto, debruçado nos livros de literatura infantil e escutando meus CDs infantis pelo rádio, reconectava-me com a imaginação e com o lúdico.

A partir da aproximação e da leitura de pesquisas envolvendo arte e infância, algumas inquietações começaram a evidenciar-se por meio do interesse na temática. Pensando como a arte expressa-se e potencializa nossos modos de perceber e interpretar aquilo que nos acontece, bem como compreendendo-a como uma linguagem própria das crianças, busco aproximar-me das concepções que as professoras possuem.

Mesmo reconhecendo a linguagem artística como inerente das crianças, as proposições e possíveis experiências são organizadas pelas professoras a partir de tempos, espaços e materialidades que oportunizam às crianças a livre exploração e descoberta. Assim, pensar a arte na vida das crianças não está dissociado das concepções que cada professora carrega e apresenta em sua prática docente.

Diante disso, nesta pesquisa, busco dialogar e aproximar-me das professoras com o objetivo de analisar de quais modos se constitui uma formação estética na docência da/para Educação Infantil. Para tanto, proponho como orientação do estudo a seguinte pergunta mobilizadora: como os professores e as professoras da Educação Infantil compreendem a formação e constituição de uma docência estética?

Na primeira seção deste artigo, busco explicitar a metodologia escolhida nesta pesquisa e quem são as participantes que contribuíram em sua realização, bem como a sua construção e quais os passos trilhados.

Posteriormente, apresento os conceitos e o referencial teórico definidos para subsidiar os estudos e as análises dos materiais produzidos na metodologia a partir de reflexões e aproximações entre esses conceitos, tendo contribuições dos seguintes autores: Luciana Esmeralda Ostetto (2021, 2023), Rodrigo Saballa de Carvalho (2021) e Paulo Freire e Ira Shor (1986).

Na sequência, realizo as análises das cartas narrativas produzidas pelas professoras utilizando o referencial teórico proposto e consolidado no presente estudo com as considerações e reflexões advindas desta pesquisa.

2 REVISÃO DE LITERATURA E REFERENCIAL TEÓRICO: QUEM ESCOLHI CAMINHAR COMIGO

As vivências e possíveis experiências que nos formam e nos constituem como sujeitos podem ser consideradas premissas de como sentimos, agimos e nos relacionamos conosco e com os outros nas diferentes formas de relação e nos diferentes espaços que frequentamos. Essas distintas e subjetivas maneiras de apropriarmos-nos das vivências que somos compõem nossa formação estética.

A referida possibilidade formativa, ao contrário de uma perspectiva mais sistemática e coletiva, difere-se por seu caráter subjetivo e individual, podendo estar relacionado com a arte, mas também perpassando nossos sentidos e sentimentos. Extrapolando o sentido de estética para além das obras de arte, Luciana Esmeralda Ostetto (2019) afirma que a formação estética está relacionada ao

modo como nossos sentidos vão sendo afetados no percurso de nossas interações com a sociedade, a cultura, a natureza; por outro lado, das possibilidades de refinamento de tais sentidos, da ampliação do nosso repertório artístico-cultural, das oportunidades de aguçar a sensibilidade, de afetar e de ser afetado pelas coisas do mundo (2019, p. 10).

Nessa perspectiva, a autora afirma, ainda, que a estética se faz presente no nosso cotidiano, nas atividades corriqueiras da vida e como estas provocam em nós possibilidade de sensibilidade e fruição (Ostetto, 2019).

Em um cotidiano no qual cada vez mais o tempo Chronos organiza e dita nossas atividades em um vai e vem de informações cada vez mais numerosas, acabamos sucumbindo a essa mecanização e automatização de uma forma avassaladora, influenciando nas nossas relações com os outros e com os espaços que habitamos, não percebendo, muitas vezes, detalhes que estão ao alcance da nossa retina.

A formação estética, então, passa a possibilitar-nos formas outras de estar no mundo, formas criativas e autorais e que se utilizam dos nossos sentidos para percebê-la. Para isso, possibilitar tempos e espaços para revisitar o que nos

constitui, nossa relação com a arte e como atribuímos sentidos ao que ela nos convoca se torna imprescindível na constituição de uma formação estética.

Na perspectiva de pensar uma formação docente que esteja pautada nas múltiplas linguagens artísticas das crianças na etapa da Educação Infantil, como ato político de escuta e reconhecimento de suas sensibilidades e maneiras de ler e perceber o mundo, torna-se cada vez mais necessária a proposição de tempos de escuta interior, para, assim, podermos escutar as crianças (Friedmann, 2023).

A docência, o modo de ser e estar no mundo, com seus saberes e as características próprias que a caracterizam como trabalho profissional, está totalmente relacionada com as relações com o outro, as quais possibilitam vivências e experiências compartilhadas no contexto escolar. Compreendo e defendo a docência como trabalho que tem compromisso com os princípios éticos, estéticos e políticos e que não estão dissociadas de suas vivências e maneiras de ser e sentir, mas que se incorporam ao trabalho e que ampliam repertórios junto ao outro. Assim, Tardif e Lessard apontam para a compreensão de docência como

uma forma particular de trabalho sobre o humano, ou seja, uma atividade em que o trabalhador se dedica ao seu 'objeto' de trabalho, que é justamente um outro ser humano, no modo fundamental da interação humana (2005, p. 8).

Na etapa da Educação Infantil, a docência está atrelada a diversos fatores histórico-culturais que operaram na sua compreensão e prática. A literatura atual oferece-nos sentidos de uma docência que esteja atrelada aos atos de cuidar e educar nessa primeira etapa da educação básica e que esteja pautada na escuta das crianças e de suas manifestações; porém, modelos preestabelecidos e formas padronizadas de docência e que são anunciadas como possíveis de serem reproduzidas provocando um silenciamento das possibilidades autorais (Carvalho, 2021, p. 73) se tornam cada vez mais frequentes em oposição às múltiplas maneiras de ser docente.

Na intenção de reafirmar a docência dessa etapa como um compromisso com as crianças reiterando a importância da escuta daquilo que elas nos convidam, reconheço-a como um trabalho de contínua formação, pautada em exercícios de valorização das linguagens e culturas infantis. Ainda em diálogo com Carvalho, a docência na Educação Infantil é um trabalho em que o professor

reconhece a intencionalidade educativa de suas ações, respeita a alteridade da infância, coloca-se como parceiro(a) das crianças apoiado(a) em relações sociais horizontais baseadas na confiança e na reciprocidade, além de promover mediações intencionais qualificadas entre as crianças e os objetos de conhecimento (2021, p. 75).

Assim, a referida concepção de docência subverte àquela em que são elencadas atividades pré-formatadas e que desconsideram o contexto e as manifestações das crianças, além de humanizar as relações e torná-las harmoniosas entre adultos e crianças.

Na articulação entre formação estética e docência aqui proposta, realizo uma interlocução entre esses dois conceitos, compreendendo-as como maneiras que estão imbricadas uma na outra e que se modificam constantemente conforme o trabalho desenvolvido e os sentidos dados por meio das relações e interações advindas desse trabalho por intermédio da escrita das narrativas, pois, para poder escrevê-las, as professoras necessitam, anteriormente, ler a si mesmas, em um exercício de autointerpretação, uma vez que “essa possibilidade [...] de nos lermos antes de escrever talvez melhore o que escrevemos, porque nessa interação podemos nos transformar no momento mesmo do diálogo” (Freire; Shor, 1986, p. 14).

3 PERCURSO METODOLÓGICO: CAMINHOS PERCORRIDOS

Não importa qual
Não é tudo igual
Mas todas dão em algum lugar
E não tem que ser uma única
(Portas, 2021).



Fonte:Arquivo do autor/2024

Para iniciar a escrita do meu percurso teórico e metodológico, busco inspiração em um trecho da música *Portas*, arte da cantora e compositora Marisa Monte, um dos maiores nomes da Música Popular Brasileira contemporânea. Seu último álbum de estúdio “*Portas*” foi lançado no ano de 2021. Por meio dos versos da música de mesmo nome, desafio-me a pensar nas escolhas e definições que faço nesta e para esta pesquisa e no interesse em analisar as narrativas das professoras por intermédio de suas próprias perspectivas enquanto exercício de escuta atenta e interessada.

Motivado pelo interesse de analisar de quais modos se constitui uma formação estética na docência da/para Educação Infantil, visto que compreendo a formação na/para a docência atravessada pelos acontecimentos que não estão dissociados de seu fazer pedagógico junto às crianças, a escolha de narrativas (auto)biográficas permite alcançar os objetivos aqui propostos em um caminho a ser trilhado, considerando os sujeitos e suas memórias

a narrativa escrita da experiência vivida possibilita ao professor/a, como narrador/a, ampliar o diálogo com o *outro*. Fundamentadas/os numa concepção que vê a escrita como um ato potencializador de processos reflexivos; entendemos que a formação de professores passa necessariamente pela ação de escrever-narrar-refletir sobre o vivido. Narrar (e escrever) suas experiências é, do ponto de vista da formação, um exercício de autotransformação – narrativa e escrita funcionam como dispositivos de autoconstituição – trabalho. (Perez; Miguel, 2016, p. 59)

Assim, as professoras, por meio do exercício de narrar-se, também têm a possibilidade de revisitar suas emoções, suas ressignificações, seus estados e suas subjetividades, em um movimento reflexivo de contato com a arte e como esta relaciona-se e manifesta-se em suas vidas no trabalho com as crianças.

Indo na contramão da hegemonia das pesquisas científicas, Sandra dos Santos Andrade (2012) convoca a pesquisa narrativa como exercício político de valorização das experiências do outro evocando suas próprias memórias para o campo científico.

As pesquisas narrativas em educação possibilitam aos professores e às professoras narrarem seus acontecimentos e resgatar suas histórias, além de registrar seus feitos e sua maneira de ser como sujeitos protagonistas de suas próprias trajetórias com potencial (trans)formador. Nesse sentido, as professoras/pesquisadoras Carmen Lucia Vidal Pérez e Aline Cântia Côrrea afirmam

que:

priorizar, como fazem algumas investigações, a escritura como forma de narrar é uma tentativa, no que se refere ao processo de formação das/os professoras/ es, de resgatar um bem cultural, que historicamente tem sido utilizado como instrumento de interdição de outras formas de ser. A escrita é aqui concebida como um mecanismo capaz de gerar e/ou afirmar diferentes formas de ser, pensar e conhecer. A escrita é um *acontecimento* (Pérez; Miguel, 2016, p. 59).

Para a realização da pesquisa do meu Trabalho de Conclusão de Curso, escolhi como *lócus* uma escola de educação infantil pública situada no município de Bento Gonçalves. O primeiro critério de escolha para definição da escola escolhida foi o atendimento da etapa da educação infantil. Um segundo critério caracterizou-se pelo trabalho envolvendo expressões artísticas realizadas pelas professoras junto às crianças.

Como produção dos dados da pesquisa, optei por solicitar para as professoras participantes que produzissem uma carta-narrativa. Entendo, também, esse movimento como forma de reconhecimento do sujeito participante do estudo e que me permite conhecê-lo por meio de suas próprias palavras, em primeira pessoa, apropriando-se de sua história e das percepções que possui sobre ela, considerando seu contexto sociocultural e opondo-se à ideia de uma concepção fragmentada deste sujeito e que separa o *quem* daquilo que *faz*.

A pesquisa teve como movimento inicial a escrita de uma carta-convite às professoras de turmas de Maternal, que envolve o grupo etário das crianças bem pequenas (de 1 ano e 7 meses a 3 anos e 11 meses), segundo nomenclatura oficial prevista na Base Nacional Comum Curricular (Brasil, 2018).

A referida carta-convite convoca as professoras a escreverem memórias das infâncias e o resgate de brincadeiras que realizavam nesse período de suas vidas, além de lembranças que remetem à escolha da profissão, quais sentidos carregam e como a arte se relaciona em suas vidas. Esta carta não se deteve a explicitar possibilidades de escrita em sua apresentação, de modo que sua escrita pudesse ser realizada de forma fluída e natural pelas professoras, na qual pudessem deixar suas vivências e experiências registradas conforme os sentidos e (re)significados dados a eles. Segue abaixo imagem da carta-convite:

Olá, professora/s!

Sou Júlio Fontana, acadêmico do curso de Licenciatura em Pedagogia do Instituto Federal do Rio Grande do Sul – campus Bento Gonçalves cursando o 8º semestre e estou em processo de pesquisa e escrita de Trabalho de Conclusão de Curso (TCC). Escolhi tema o campo da Docência na Educação Infantil para compor minha pesquisa. Hoje realizo um movimento de convite afetivo a cada uma de vocês para participar deste percurso junto comigo. Venho por meio desta carta convidá-las a escrever narrativas e memórias de suas infâncias.


A carta pode ser escrita de maneira livre, narrando as lembranças que remetem a como a arte se fez presente na sua vida e os motivos da escolha da profissão de professora de crianças. E quais relações vocês conseguem sinalizar entre a escolha da profissão docente e a arte.

Agradeço a participação e coloco-me à disposição!

Assinatura do acadêmico pesquisador

.....

Assinatura da professora orientadora



Fonte: Arquivo do autor/2024

O meu primeiro encontro com professoras que participaram da pesquisa aconteceu na escola, o que possibilitou que eu me apresentasse e explicasse sobre a pesquisa e também soubesse se elas aceitariam ou não acolher e participar do estudo, além de trocar olhares e conhecer melhor o espaço que habitam junto às crianças.

A escrita da carta-convite é um exercício ético, como forma de aproximação, para que as professoras se sentissem à vontade para participar, respeitando os

tempos subjetivos de cada uma.

A escola possui cinco professoras que atuam diretamente com turmas de Maternais, sendo que todas foram convidadas a participar. Uma das professoras não estava presente na escola, por isso, o contato deu-se por meio de *WhatsApp* em dois momentos, tendo a professora não demonstrado interesse em participar. Assim, o material produzido contou com a participação de quatro professoras, que generosamente me auxiliaram na realização desta pesquisa. Um termo de consentimento livre e esclarecido previamente assinado por mim foi apresentado, de modo que cada professora pudesse assinar posteriormente.

No dia da visita e entrega das cartas-convite, pude conhecer um pouco de cada uma e sobre suas trajetórias, anotando em diário de campo informações relevantes sobre suas vidas pessoais e profissionais. Para assegurar a identidade das professoras como postura política e ética, usa-se, nesta pesquisa, nomes fictícios de modo a identificá-las³.

Em seguida, realizo uma breve apresentação sobre as professoras participantes deste estudo, bem como suas trajetórias pessoais e profissionais.

A professora Maya possui vinte e seis anos e é casada. Não tem filhos e nasceu no município de Barbacena, Minas Gerais, onde cursou licenciatura em Pedagogia na Universidade do Estado do Mato Grosso, curso que, por razões diversas, demorou seis anos para se formar. Essa profissional possui experiência em atividades com movimentos sociais e trabalha há oito anos como professora, tendo especialização em Educação Especial e Inclusiva.

A professora Liz⁴ possui quarenta e três anos e tem um filho. Trabalha como professora há mais de quinze anos e possui licenciatura em Pedagogia pela Universidade Leonardo da Vinci. Trabalhou com arte e apresenta-se como uma pessoa apaixonada pela área artística.

A Profe de Música possui trinta e oito anos e leva o apelido de “Auxiliadora”, como ela mesma gosta de afirmar, apelido dado a ela por ter nascido no dia de Nossa Senhora Auxiliadora. Tem formação em Música, Arte e Pedagogia e não possui filhos.

A professora Lurdes possui trinta anos de idade, é casada e tem dois filhos,

³ Os nomes fictícios foram escolhidos pelas próprias professoras.

⁴ A professora justifica a escolha do nome como sendo o de uma criança que faz com que lembre de si mesma na infância.

estando em período de gestação do segundo filho quando a presente pesquisa foi realizada. Trabalha há onze anos na educação e tem licenciatura em Pedagogia pela Universidade Leonardo da Vinci, assim como especialização em Educação Infantil, na qual, no dia da visita à escola, afirmou sua paixão por essa etapa da educação.

Um terceiro movimento caracterizou-se pelo recebimento das cartas narrativas por e-mail e pela leitura minuciosa das memórias ali evocadas, permitindo a análise reflexiva a partir do referencial teórico proposto. As cartas recebidas evocam subjetividades das professoras e aspectos sensíveis de suas trajetórias. As brincadeiras de infância lembradas, os vínculos familiares e suas respectivas relações estabelecidas com a arte são manifestadas em seus modos singulares, onde trajetória pessoal e profissional cruzam-se em uma única direção e constituição das memórias das professoras.

3 CARTAS-NARRATIVAS COMO CONSTITUIÇÃO DE SI E DA DOCÊNCIA

O Artista não é quem explode por dentro, isso pode acontecer com toda e qualquer pessoa; só é Artista quem entrega a explosão aos pés do público com ritmo, poesia, beleza (Bei, 2017, p. 130).

Nesta seção, apresento a análise das narrativas produzidas pelas professoras e as experiências nelas residentes a partir do referencial teórico proposto. Para isso, tomo como ato político o de considerar tais narrativas como cenários de palcos subjetivos e potentes, que compõem as trajetórias e constituições das quatro professoras e suas relações com a arte. Dessa forma, vislumbro a escrita de tais narrativas como modos de apresentar e organizar os acontecimentos e as ocasiões que, em explosão, assim como convocado pela escrita de Bei, apresentam-se como criações artísticas da vida.

Partindo da premissa de que as crianças experimentam o mundo como modos de criar e explorar suas existências e potencialidades, a docência, nessa etapa da educação, está imbricada de possibilidades outras de questionar e olhar para aquilo que nos acontece de maneira curiosa, questionadora e investigativa. Assim, experimentar estar em harmonia consigo mesmo, resgatando memórias e narrando-as auxilia o(a) professor(a) a entrar em contato com as crianças e oportuniza a elas vivências e possíveis experiências por meio da arte, pois

[...] criar tempos e espaços que favoreçam o reencontro do professor com sua dimensão lúdica, criadora, poeta, é essencial, haja vista que esse processo abre caminhos para o encontro com as crianças, para reconhecer suas linguagens e potencializar a poesia em seus saberes e fazeres (Ostetto, 2021, p. 483).

De tal modo, as narrativas das professoras apresentam e realizam a busca em suas memórias daquilo que lhes tocam como experiências significativas e marcantes em suas trajetórias docentes.

Nesse movimento de busca, a Professora Liz* apresenta, em sua narrativa, as memórias que se fazem presente a partir do contato com a natureza e as experiências múltiplas a partir desta:

Professora Liz: Eu brincava com muitas crianças da vizinhança, íamos tomar banho no rio, correr no milharal, subir em árvores e se tínhamos fome logo havia uma fruta no pé para saciá-la. Morávamos em família e tomar banho de chuva era algo corriqueiro, onde todos se divertiam com isso. Minha avó fazia muitas comidas gostosas e eu estava sempre envolvida ajudando a fazer

Fonte: carta-narrativa Professora Liz, 2024

Percebe-se, na narrativa acima, a vivência na natureza a partir de diferentes possibilidades sensoriais e explorativas. Liz aponta o sentido gustativo como provedor de experiências, tanto ao afirmar sobre a colheita de frutas nas próprias árvores quanto das recordações do preparo de comidas junto à sua avó.

Ainda, identifica-se o contato com os elementos da natureza a partir de um ponto de vista criativo, explorando, assim, as potencialidades imaginárias confirmadas pela professora, a qual atribui as suas experiências por meio da água, da terra e dos frutos, pois é a partir desse contato “a céu aberto e sobre o chão coberto de miudezas e surpresas, o olhar é convidado a espreitar em outras direções” (Ostetto, 2023, p. 245).

A narrativa da Profe de Música apresenta e carrega sentidos e significados específicos de sua trajetória, na qual:

Profe de Música: A Arte se faz presente na minha vida desde sempre. A minha família sempre foi muito ligada às linguagens artísticas, sobretudo, na Dança e na Música. Alguns familiares como avó e tios, foram responsáveis por grupos de danças folclóricas na minha cidade, no interior do Pará. Na música, eu sou a primeira referência na minha família, muito influenciada pela minha mãe, que

sempre gostou de música, ela chegou a fazer aulas de violão, mas, não prosseguiu. E pela minha avó, que também incentivou a minha trajetória musical e acadêmica. A música estava sempre no meu dia a dia, eu ouvia muita música e gostava de cantar, cultivava um grande amor pela música.

Fonte: carta-narrativa Profe de Música, 2024

Na narrativa mencionada, a professora registra sua compreensão de arte e seu contato por meio dela a contar de experiências e vivências musicais desde a infância, formadas e concebidas ainda no seu seio familiar. Ressalta-se o incentivo da mãe e avó para que prosseguisse com a música em carreira acadêmica e o ingresso ao curso em nível superior, como relatado a seguir:

Profe de Música: Eu sentia a necessidade de aprofundar o conhecimento na área da música, então, passei no processo seletivo, e cursei o nível técnico de música no Conservatório Carlos Gomes, em Belém. Após a conclusão do curso, retornei para a minha cidade, e recebi uma proposta para ser maestrina da banda de música e professora de clarinete. E foi aí, então, que eu comecei a minha trajetória como professora”

Fonte: carta-narrativa Profe de Música, 2024

A trajetória da Profe de Música na docência não iniciou na etapa da Educação Infantil, mas, sim, da possibilidade de trabalhar a partir da música com grupos de crianças maiores e de maneira mais sistemática, pois almejava a carreira docente desde criança, assim como afirma em sua narrativa

Profe de Música: Desde muito pequena, eu pensava em ser professora, e isso fazia parte das minhas brincadeiras, por admirar a profissão e os meus professores, porém, eu não sabia ao certo, e pensava: eu quero ser professora, mas... de quê? E depois que eu entrei no mundo da música, veio a certeza de que eu queria ser professora de música”.

Fonte: carta-narrativa Profe de Música, 2024

No trecho acima, algumas articulações com a docência começam a ser evidenciadas. A narrativa da Profe de Música apresenta, em sua concepção, as brincadeiras de ser professora presentes na infância e que, posteriormente, levaram-na à escolha da profissão docente.

Na mesma perspectiva, a professora Maya também apresenta memórias de brincadeiras infantis que realizava e que podem atribuir significados à sua maneira de ser docente, como relatado a seguir:

Professora Maya: Desde bem pequena sempre gostei de dar aula para minhas bonecas, escrever na porta do meu quarto, coisa que minha mãe não gostava muito. Meu avô foi um grande incentivador, quando eu era pequena ele me presentou com uma mesinha rosa de plástico. Como eu amava aquela mesinha ficava sentada tempo e tempos nela, sempre fui muito dedicada em tudo que fazia

Fonte: carta-narrativa Professora Maya, 2024

Nesse sentido, o resgate das brincadeiras de infância realizadas como forma despretensiosa, mas vivas nas memórias das professoras, corrobora as ideias de Ostetto, quando ele aponta que

No novelo da memória, as lembranças de infância puxam fios de experiências, prazeres e desprazeres, vida vivida com intensidade e o sabor de um tempo outro, inaugurando um movimento que possibilita identificar elementos essenciais do ser criança e, pelo conteúdo acessado, reavaliar a própria prática docente (Ostetto, 2023, p. 248-249).

Assim, a possibilidade de revisitar tais experiências podem trazer consigo ressignificações e sentimentos semelhantes daqueles que constituíram a vivência relatada, aproximando o passado vivido de forma lúdica e a prática docente atual.

Um aspecto interessante a analisar na referida narrativa são os elementos que retratam e remetem à escola na etapa do Ensino Fundamental, com mesa, cadeira e quadro, e que se caracterizam de maneira diferente da etapa da Educação Infantil, mas que contribuíram para a escolha da profissão docente também por parte da professora. Nesse caso, o incentivo familiar também é evidenciado por parte do avô e o modo como a professora percebe sua própria dedicação.

A carta da professora Lurdes também traz e carrega sentidos por ela atribuídos de suas memórias de infância. Por meio do registro escrito, Lurdes apresenta sua narrativa de modo a contextualizar a sua realidade familiar:

Professora Lurdes: “Minha infância não posso dizer que foi uma infância normal, mas infelizmente é uma das infâncias que praticamente um terço das crianças enfrentam. Minha mãe criou os quatro filhos sozinha, como pôde ou como ela mesmo diz ‘bem ou mal eu criei’. Nossa diversão enquanto crianças era brincar na rua pegar cobertores e com tecidos criar bonecas. Na minha adolescência não tinha muita perspectiva de profissão, pensava em completar os meus 16 anos para que eu pudesse trabalhar e ganhar meu dinheiro para comprar”

Fonte: carta-narrativa Professora Lurdes, 2024

Em relação à narrativa citada anteriormente, a professora contextualiza sua infância e sua adolescência perpassada pelas dificuldades atravessadas em meio às memórias com a produção de bonecas e a utilização de tecidos. Aqui, “vale a lembrança das brincadeiras e as lembranças da infância” (Ostetto, 2023, p. 249), mesmo que acompanhadas de sentidos e significados não necessariamente belos, mas que fazem parte da constituição da professora e de sua trajetória pessoal e profissional.

Ao registrar suas aproximações com a arte, Lurdes apresenta suas concepções a partir do trabalho que exerce com as crianças, de modo que a compreende para além dos artefatos culturais, por meio de uma arte sensível e de escuta no cotidiano:

Professora Lurdes: “Quando sou questionada sobre como eu posso apresentar ou desenvolver a arte na educação infantil, paro e penso que a arte está inserida não somente em atividades elaboradas no papel ou na música, mas que a arte está presente quando eu consigo ouvir as crianças que estão na sala de referência e por vezes essa escuta se dá por meio da observação, pois nem todas as crianças falam suas histórias, mas com atitudes elas a expressam, e cabe a nós enquanto educadores ser a mão que as auxilia a passar por esse processo, acolher e intervir se for necessário. Essa arte traz um novo olhar, um novo rumo, uma esperança de que as coisas podem ser diferentes”

Fonte: carta-narrativa Professora Lurdes, 2024

A compreensão de arte defendida pela professora considera as manifestações artísticas, assim como as relações estabelecidas junto às crianças, de modo a percebê-las, escutá-las, dar sentidos às suas próprias manifestações como possibilidades de novos emaranhados. Dessa maneira, a narrativa dessa professora permite

entrever atitudes renovadas com a experiência, na prática perspectivada com as crianças e na vida de modo geral: dar atenção aos detalhes, reparar nas miudezas e nas coisas simples do cotidiano, sentir a sensibilidade na alma, inspirar-se, brincar e cantar mais com as crianças, aperfeiçoar a interação com elas, ficar mais atenta aos processos e se preocupar menos com o trabalho pronto [...] (Ostetto, 2021, p. 251).

De tal modo, a postura que a referida professora assume em sua narrativa mostra uma prática que revela a arte como docência, como maneira de ser e agir

com as crianças. Ainda, essa profissional carrega o sentido da esperança e da possibilidade de criar e fazer docência.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS PARA CONTINUAR REFLETINDO: ÚLTIMOS ESCRITOS

Esta pesquisa teve como objetivo principal analisar a formação estética por meio de narrativas de professoras da Educação Infantil, mas não se finda por aqui, uma vez que as análises realizadas se detêm a um contexto espaço-temporal específico, o que provoca refletir sobre continuidades e novos emaranhados.

Diante de realidades inúmeras que fragilizam a docência em um país assolado por violências, desvalorização da arte, mercantilização e padronização dos modos de ser docente, uma formação articulada com a sensibilidade e a fruição possibilita novas maneiras de conceber a docência aqui compreendida.

As narrativas das professoras desvelam suas subjetividades, mesmo que alguns pontos estejam em consonância e em características comuns. A possibilidade de imergir em tais narrativas oferece subsídios potentes para pensar a docência na Educação Infantil como sinônimo de criatividade, de sentidos e de significados atribuídos por cada professora.

Refletir a formação estética das professoras da etapa da educação básica mencionada revela especificidades e características próprias, e que se articulam com o exercício do olhar de si e da sua relação com a arte e como ela se manifesta em suas vidas. Por isso, proporcionar tempos e espaços, para que haja tais possibilidades de se visitar, torna-se cada vez mais necessário, de modo a combinar a formação continuada com a formação estética. Assim, outras perguntas emergem desta pesquisa, a fim de que ela possa continuar a ser movimentada, a saber: quais as possibilidades as professoras têm para visitar e compartilhar suas memórias? Quais sentidos e concepções de arte as professoras de Educação Infantil possuem? Como valorizar as subjetividades docentes, de maneira a perceber tal valorização nas crianças?

É notório que as narrativas revelaram não apenas aspectos profissionais de cada professora, mas também dificuldades e percalços por elas atravessados em suas trajetórias profissionais, o que abre para pensarmos a estética para além do belo e fantástico, assim como para aquilo que nos envolve, retrata-nos, sensibiliza-

nos e move-nos como sujeitos e docentes.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Sandra dos Santos. A entrevista narrativa ressignificada nas pesquisas educacionais pós-estruturalistas. *In*: MEYER, Dagmar Estermann; PARAÍSO, Marlucy Alves (org.). **Metodologias de pesquisa pós-críticas em educação**. Belo Horizonte: Mazza edições, 2012.

BEI, Aline. **O peso do pássaro morto**. São Paulo: Editora Nós, 2017.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2018. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/wp-content/uploads/2018/11/7. Orienta%C3%A7%C3%B5es aos Conselhos.pdf>. Acesso em: 25 jun. 2024.

CARVALHO, Rodrigo Saballa de. O extraordinário na docência com crianças na educação infantil. *In*: **Infância(s) e docência(s)**: descobertas e desafios de tornar-se professor e professora. SANTIAGO, Flávio; MOURA, Taís Aparecida de (org). São Carlos: Pedro e João Editores, 2021.

FRIEDMANN, Adriana. **Jornadas autobiográficas**: narrativas e memórias para a formação do educador. São Paulo: Panda Books, 2023.

FREIRE, Paulo; SHOR, Ira. **Medo e ousadia**: o cotidiano do professor. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

PORTAS: Marisa Monte. Compositor: Arnaldo Antunes. *In*: PORTAS. Intérprete: Marisa Monte. São Paulo: Sony Music, 2021. 1 música (3:16). Disponível em: <https://open.spotify.com/intl-pt/album/3Aa9vN06FcpjOlytIAQP3A?autoplay=true&authfailed=1>. Acesso em: 24 jun. 2024.

OSTETO, Luciana Esmeralda. Esse *in anima*: formação docente em deslocamento. *In*: 39ª REUNIÃO NACIONAL DA ANPED. **Anais [...]**. Niterói, RJ: UFF, 2019. Disponível em: http://anais.anped.org.br/sites/default/files/gt07_trabalho_encomendado_formatado_39_rn_-_2_luciana_esmeralda_ostetto.pdf. Acesso em: 25 jun. 2024.

OSTETTO, Luciana Esmeralda. Texturas da prática: narrativas de uma pedagoga sobre arte na formação. **Revista GEARTE**, Porto Alegre, v. 8, n. 2, p. 482-508, maio/ago. 2021. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/gearte/article/view/117514/63987>. Acesso em 13 out. 2023.

OSTETTO, Luciana Esmeralda. Habitar o museu, redescobrir a natureza, fazer à mão: formação docente além dos espaços escoares e universitários. *In*: OSTETTO, Luciana Esmeralda; MAIA, Marta; CALLAI, Cristiana (org.). **Formação, educação e arte**: tessituras em pesquisa e prática docente. Campinas: Editora Papirus, 2023.

PÉREZ, Carmen Lucia Vidal; MIGUEL, Aline Cântia Côrrea. "Fazer" (e narrar) experiência na pesquisa e na formação de professores narradores. **Roteiro**, Joaçaba, v. 41, n. 1, p. 41-66, jan./abr. 2016. Disponível em: <https://www.redalyc.org/journal/3519/351964732004/html/>. Acesso em: 03. abr. 2024.

TARDIF, Maurice; LESSARD, Claude. **O trabalho docente**: elementos para uma teoria da docência como profissão de interações humanas. Petrópolis: Vozes, 2005.